

## DUARTE PACHECO: UMA BIOGRAFIA

*Maria Antónia Pires de Almeida (\*)*

### INTRODUÇÃO

Este trabalho surge no âmbito da História Social Contemporânea, mais precisamente no que se refere às Elites Políticas do Século XX, cujas personalidades, salvo raras excepções, não foram ainda estudadas. O objectivo deste estudo centra-se na tentativa de definição social do grupo do pessoal político de Salazar, nomeadamente no que diz respeito às suas origens sócio-profissionais, a geração a que pertence, com os respectivos espaços de sociabilidade e de formação académica e pessoal; a sua mobilidade geográfica e o ambiente em que se inseriu nas várias etapas da sua vida (rural ou urbano); a socialização e o percurso escolar; a carreira política e as ligações ao sector económico; os cargos desempenhados antes e depois do exercício do poder.

Infelizmente, este tipo de abordagem pessoal está dependente das mais variadas fontes, nem sempre acessíveis, como arquivos familiares ou testemunhos orais. No entanto, do Engenheiro Duarte Pacheco como Director do Instituto Superior Técnico e depois como Ministro das Obras Públicas e Comunicações ficou para a posteridade o conjunto da sua obra, bem visível para qualquer observador atento que simplesmente se passeie pelas vias principais da cidade de Lisboa e seus arredores (as principais vias de saída da cidade, a auto-estrada até ao Estádio Nacional e a Estrada Marginal para Cascais foram projectadas e mandadas construir por este Ministro de Salazar) e os testemunhos escritos dos profis-

---

(\*) Mestrado de História Social Contemporânea  
Trabalho para a Cadeira de **Estado, Política e Sociedade**  
Prof. Doutor António Costa Pinto

sionais que com ele trabalharam. Quanto a documentos escritos por ele próprio, são casos raros, pois o ministro, como homem moderno e despachado que era, fazia as suas comunicações pelo telefone e pelo rádio, em discursos na Emissora Nacional, o que representava grande inovação para a época em que ele viveu e um símbolo da modernidade que se manifestava em todas as grandes obras em que se empenhou.

Pode dizer-se que um aspecto fundamental da obra de Duarte Pacheco ficou patente numa nova visão de planeamento urbanístico introduzida nos anos em que foi Ministro das Obras Públicas e Comunicações e Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. E para se estudar a Lisboa de Duarte Pacheco, o “derrubas” das vozes populares, tem de começar-se por estudar o homem que deu origem a tão grandes transformações na face da cidade e no modelo de uma “capital de império” ordenada, planificada e projectada para o futuro, na qual os modelos arquitectónicos obedeciam às regras do recém-inventado “Novo estilo tradicional português”, na expressão de R. Hestnes Ferreira e F. Gomes da Silva<sup>1</sup>, numa tentativa de criar uma “arquitectura nacional, una e indivisível, do Minho a Timor”<sup>2</sup>. Porém, e nas palavras do próprio Salazar, a sua “obra não pode, no entanto ser acusada de excessiva e desproporcionada. Sem dúvida, ela ultrapassa os hábitos e o momento, mas não excede Portugal: o Ministro tinha o raro condão de adaptar a grandeza da concepção às proporções do País.”<sup>3</sup>. Assim, vemos surgir nos anos 30 deste século uma nova cidade em Lisboa, não só no seu aspecto exterior, mas principalmente na crescente população que a foi habitar<sup>4</sup> e cuja composição sócio-profissional está também por estudar, sendo decerto de grande interesse.

---

(1) Citados por Nuno T. Pereira, p. 326.

(2) *Idem*, p. 337.

(3) Extraído do discurso de elogio a Duarte Pacheco proferido pelo Dr. Oliveira Salazar na Assembleia Municipal em 25/11/1943 e publicado no número especial da Revista Municipal de 1944, p.27.

(4) Pedro Janarra refere que entre 1920 e 1950 a população de Lisboa cresceu 62%, data a partir da qual começa um lento decréscimo, coincidente com um aumento significativo das populações dos concelhos vizinhos.



Monumento ao Eng.º Duarte Pacheco - Efigie.

## CAPÍTULO 1

### A VIDA

*Viver em labaredas de acção, de comando: eis o seu estado normal; eis a “doença” que para ele representa a saúde. - “Adiante!”*<sup>5</sup>

Todos os profissionais que trabalharam para o Eng. Duarte Pacheco o classificam, tal como o Arq. Cottinelli Telmo, como *um grande homem de acção*, uma pessoa que viveu para o seu trabalho, para a realização da obra monumental que tinha em mente. As palavras destes nos discursos e nos textos em sua homenagem são coincidentes na admiração e no respeito pelas suas capacidades de trabalhar e fazer trabalhar os outros, levando-os a dar o seu melhor, a fazer sobressair a criatividade e a permitir a discussão livre dos problemas até ao mínimo detalhe. Igualmente, todos têm um discurso apologético para o seu mau-humor e irrascibilidade face ao trabalho mal feito, pois ele só vivia para a “realização da grande Obra”<sup>6</sup>.

Esta admiração com que se fala do Eng. Duarte Pacheco tem raízes profundas, pois a sua vida, a sua tenacidade e qualidades de trabalho foram de facto fora do comum. Actualmente, uma pessoa como ele costuma ser apelidada de *Workaholic*, sem vida pessoal e sujeito a doenças provocadas pelo *Stress*. No seu tempo estes conceitos ainda não eram conhecidos, mas os sintomas estavam claros: “Dormia cinco horas por noite e não gastava tempo em refeições: alimentava de quando em quando a sua úlcera com copos de leite e bolos de

---

(5) palavras do Arq. Cottinelli Telmo sobre o seu “patrão”, publicadas na revista *Panorama*, no artigo “Um Grande Homem de Acção” em homenagem ao recém-falecido Eng. Duarte Pacheco.

(6) artigo “O ministro tinha um ideal e sabia comunicá-lo aos artistas, seus colaboradores” do mesmo autor Cottinelli Telmo, publicado na mesma revista.

arroz, enquanto continuava discutindo e decidindo.”<sup>7</sup>. E foi assim que este engenheiro alcançou uma posição de destaque na política portuguesa, depois de um início de vida marcado pela morte prematura dos pais e pela influência de numerosos irmãos e tios, numa vivência típica das famílias burguesas de província. Nesta família teve papel de destaque um irmão do pai, o Dr. Marçal Pacheco, licenciado em Direito, pessoa influente no Partido Regenerador, deputado e Par do Reino Vitalício, que morava no imponente palácio da Fonte da Pipa, antiga Quinta da Esperança, em Loulé, no qual se realizavam grandes reuniões e debates políticos. Morreu jovem, por volta de 1896, mas a sua importância na família Pacheco (foi padrinho de baptismo do sobrinho Humberto) e no concelho de Loulé é ainda hoje evidenciada pela população local.

Duarte José Pacheco nasceu em Loulé, na Rua Nova, a 19/4/1900<sup>8</sup>, um dos mais novos dos 4 filhos e 7 filhas de Maria do Carmo Pacheco “que vive do governo da casa” e de José d’Azevedo Pacheco, um funcionário público, Escrivão da Fazenda, no ano em que nasceu o seu segundo filho Humberto (1894): “trabalhador infatigável, possuindo apenas exame de instrução primária, (que) conseguiu, por sua inteligência e méritos, ascender a chefe da Repartição de Finanças e, com sólidas amizades, a chefe político local do partido regenerador. (...) Implantada a República, conservou-se fiel aos seus princípios monárquicos e regeneradores, e como os filhos fossem republicanos, chamava-os algumas vezes e dizia-lhes : ‘Venham lá êsses republicanos falar com o pai!’ (sic)”<sup>9</sup>. Os avós paternos eram: João António Pacheco e Maria Serafina d’Azevedo Pacheco; os avós maternos: Manuel Gonçalves Botta e Maria de Brito Pontes Botta. José Pacheco chegou mesmo a Administrador do Concelho de Faro, mudando-se com toda a família para esta cidade, cerca de 1901 e ficando a residir na Rua Nova

- 
- (7) AMARAL, Francisco Keil - “Evocação de Duarte Pacheco no XXX aniversário da sua morte”, in Revista Municipal, 1973, p. 7.
- (8) Existem dúvidas quanto à sua verdadeira data de nascimento, pois a sua certidão de nascimento diz que ele nasceu em 19/4/1899, mas segundo as suas próprias palavras publicadas na Revista Internacional de 1951, “A certidão que estabelece a minha idade oficial envelhece-me de um ano. Reza ela eu ter nascido em 1899 quando, na verdade, nasci em 1900. Mas como muita gente afirma ser eu demasiadamente novo para o exercício dos cargos de grande responsabilidade que me conferiram, nunca rectifiquei aquela data, que consta da certidão arquivada no Técnico e que serviu para efectuar a matrícula na ‘Escola’”. O vereador Luíz Teixeira (Revista Municipal, nº especial de 1944, p. 43) diz sobre a sua chegada ao poder em 19/4/1928: “faz hoje vinte e nove anos. Estamos em plena festa de aniversário...”. Mas este seria dos tais que não sabia a verdade.
- (9) “Engenheiro Duarte José Pacheco”, sem autor, Revista Municipal, número especial, 1944, p. 9.



Casa onde nasceu Duarte Pacheco.

dos Caminhos de Ferro.

O filho Duarte foi baptizado no dia de Natal de 1903, na Igreja de S. Pedro em Faro, pelo pároco Bernardino Álvaro dos Santos Mirabent Pessanha. Foram padrinhos o Governador Civil do Distrito, João José da Silva Ferreiro Netto e o tio paterno João d’Azevedo Pacheco, Escrivão do Juízo Criminal, o qual passou uma procuração para a cerimónia a José Vaz Guerreiro Judice Aboim, o Secretário Geral do Governo Civil do Distrito de Faro.

A sua mãe, de uma família da alta burguesia de Loulé, morreu em 1906 e no ano seguinte, por circunstâncias políticas relacionadas com a passagem à oposição do Partido Regenerador, o pai foi transferido para a cidade da Horta, na ilha do Faial, Açores, ficando a família no Algarve, sob o cuidado da irmã mais velha, Sofia, que nunca casou e desde cedo assumiu o papel da mãe. Já de volta ao Algarve, José Pacheco morreu a 2/1/1914, com 48 anos, deixando os filhos entregues ao cuidado do irmão Humberto, na altura com 20 anos. Os irmãos chegaram a um acordo para que a herança da família fosse distribuída apenas pelas irmãs, as quais na sua maioria não chegaram a casar. Os outros irmãos chamavam-se José, Nuno, Clotilde, Fernanda, Maria do Carmo, Maria dos Anjos e Maria José.

Como em Loulé não havia liceu, as crianças da família estudavam com professores particulares, entre eles o Dr. Guerreiro Murta, que no seu livro *Evocações* descreve Duarte Pacheco como uma criança muito irrequieta e activa. O seu irmão Humberto também ensinava o resto da família e foi nas suas aulas que preparou Duarte para se apresentar como aluno externo ao exame do 3º ano no Liceu de Faro. Desde cedo a demonstrar o seu gosto pelos estudos e a vontade de ser o melhor, “como obtivesse apenas a classificação de 14 valores, regressou desconsolado e abatido...”<sup>10</sup>. A partir do 4º ano frequentou o Liceu de Faro já como aluno interno, conseguindo a permanência constante no quadro de honra do liceu e as seguintes classificações: 17 valores no exame do 5º ano e 19 no do 7º. Já nessa altura conseguia algum dinheiro com as explicações que dava aos colegas, ao ponto de chegar a casa no fim de um ano lectivo e devolver à irmã mais velha o dinheiro que tinha levado de início, para grande espanto desta.

Veio então para Lisboa com 17 anos (ano lectivo de 1917 / 1918) matricular-se no Instituto Superior Técnico, que funcionava nas instalações do antigo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, no Largo do Conde Barão, ficando logo no início a morar em Alcântara, mais precisamente no Alto do Calvário, nº 30, 1º Esq., em casa do irmão Humberto. Este irmão foi o fundador e director da

---

(10) Ibidem.

Companhia de Seguros Ourique, enquanto que outro irmão, Nuno Pacheco, tirou o curso de Medicina.

Durante os 5 anos do curso de Engenharia Electrotécnica, Duarte Pacheco sustentou-se dando explicações aos colegas<sup>11</sup>, rapidamente se tornando independente da família. Morava nesta época na Rua Eduardo Coelho (Freguesia das Mercês), nº 26, 3º e aí viveu pelo menos até ser ministro em 1932.

Logo de início fez-se notado entre os professores pelo interesse revelado e boas notas que conseguia: “É que para êle poucas horas eram necessárias para o colocar no curso a-par (sic) dos condiscípulos mais classificados.”<sup>12</sup>. Tornou-se amigo de vários professores, entre eles os Profs. Doutores Caetano Beirão da Veiga e Aureliano de Mira Fernandes. Este último admirava-o especialmente, pois reconhecia neste aluno um percurso de vida semelhante ao seu, com a morte dos pais muito cedo e o facto de conseguir tirar o curso à custa do seu trabalho, o que os levou a um convívio mais íntimo, passando Duarte Pacheco a frequentar os serões em casa de Mira Fernandes e chegando mesmo a ser padrinho da mais nova das suas 4 filhas.

Apesar de estudar engenharia electrotécnica e não civil, o seu jeito para desenhar e o interesse pelas construções revelou-se cedo, sendo visto frequentemente vestido com um fato-de-macaco a trabalhar nas obras que se faziam pela cidade. As suas actividades extra-escolares incluíam ainda as tertúlias do *Diário de Notícias* e alguma actividade política não completamente definida, mas que incluiu a participação na chamada “Escalada de Monsanto” em Janeiro de 1919, quando parte da população de Lisboa respondeu ao apelo do governo republicano para lutar contra os “rebeldes”

---

(11) E pelo menos as propinas não eram de modo nenhum baratas, além do pagamento da frequência dos laboratórios e das oficinas. Segundo o Regulamento do IST, em 1921, estava Duarte Pacheco no 3º ano, os valores eram os seguintes:

- 1ª matrícula:	10\$00
- inscrição em cada cadeira:	2\$00
- inscrição em cada laboratório:	5\$00 a 10\$00
- inscrição em cada oficina:	5\$00
- exames:	5\$00 a 10\$00

Vencimentos anuais do pessoal:

- Director (bónus sobre o ordenado):	450\$00
- Professores:	1.800\$00

(12) GARCIA, Raúl, Ressano - “Duarte Pacheco”, in Boletim da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa, p. 17.



que pretendiam reinstaurar a Monarquia<sup>13</sup>. Este episódio, juntamente com o facto de ser um dos melhores alunos do curso valerem-lhe a antipatia de muitos dos seus colegas, os quais, como em todas as épocas, eram na sua maioria jovens mais interessados em brincar e divertir-se, do que em dar atenção à aulas e à política e em tirar boas notas. Disse o Director do Instituto Superior Técnico, Alfredo Bensaúde, sobre essa época: “Os alunos do Técnico provinham geralmente da Escola Preparatória Rodrigues Sampaio e dos liceus e eram muito desordeiros.”<sup>14</sup>

Duarte Pacheco concluiu a Licenciatura em 1923, com 23 anos e com a classificação final de 19 valores. Ficou imediatamente assistente do Prof. Mira Fernandes, sendo nomeado Professor Interino da Cadeira de Matemáticas Gerais do Instituto Superior Técnico no dia 8/10/1925 e Professor Ordinário em 14/10/26, por proposta do Ministro do Comércio e Comunicações. Neste mesmo ano desempenhou o cargo de Director Interino do IST e em 10/8/1927 foi nomeado Director do IST, por despacho ministerial.

Assim que assumiu o cargo apresentou numa reunião do corpo docente daquele instituto a proposta de construção do novo edifício, escolhendo a localização no Arco do Cego e o “arquitecto que na época estava mais avançado na concepção de edifícios, aproveitando a nova técnica, mais leve, de

---

(13) A ditadura de Sidónio Pais durou desde 11/12/1917 até 14/12/1918, data em que foi assassinado. Durante esse tempo, criaram-se Juntas Militares no Norte e no Sul do País com a finalidade de defender Portugal da “Subversão” e apoiar o presidente contra os seus inimigos; porém, na realidade, tinham o propósito de proclamar a Monarquia. Com a morte do presidente, as Juntas aumentaram o seu poder no Norte. O clima de instabilidade que se viveu levou ao ressurgimento de movimentos monárquicos, os quais culminaram em 18/1/1919 com a proclamação da Monarquia no Porto e em Lisboa por parte das Juntas Militares. A “Monarquia do Norte” ainda se aguentou quase um mês, mas no sul o povo urbano defendeu logo a República, “apoiando decisivamente o exército e a marinha a desalojar os revoltosos do seu reduto entrincheirado na serra de Monsanto, naquilo a que se chamou a ‘Escalada de Monsanto’. (...) Massas lisboetas continuavam republicanas e participantes na marcha dos negócios públicos, emprestando à República aquele carácter popular e urbano que já fora patente em 1910 e 1915.” MARQUES, A. H. Oliveira - *op. cit.*, p. 246.

(14) Citado na Revista *Técnica* de 1937, sobre a inauguração do novo edifício do IST em Junho de 1935. Diz ainda o Eng. Raúl Ressano Garcia no *Boletim...*, p. 17: “Já nesse tempo, em que a maioria dos rapazes eram *apolíticos* (em itálico no original) êle revelou tendências políticas, tomando parte, como civil, na escalada de Monsanto o que lhe valeu o desagrado da maioria dos condiscípulos. Superior a tôdas as contrariedades arrostou nobre e altivamente entre essa má vontade dos companheiros da escola, muitos dos quais vieram a ser mais tarde grandes amigos seus.”

menor custo de conservação, mais rápida de execução”<sup>15</sup> que era o betão armado. O arquitecto escolhido foi Pardal Monteiro, cujo nome ficou para sempre associado às grandes obras do regime. No entanto, esta obra, como a maioria das que se realizaram nos anos em que Duarte Pacheco foi ministro, foi certamente baseada em indicações suas ou pelo menos o projecto corrigido várias vezes pela sua própria mão. Aliás, descrições dos “rabiscos” que Duarte Pacheco fazia nos projectos que os arquitectos lhe apresentavam são constantes, além do facto de lhes dar previamente todas as directivas sobre a arquitectura das obras pretendidas, o que provocou uma enorme crítica por parte dos historiadores de Arte e de Arquitectura. Quando os projectos lhe eram entregues e agradavam, Duarte Pacheco dizia: “Está bem! É isto mesmo que *eu* sonhava!...” ou então arrumava-os imediatamente, dizendo “Não vale nada!”<sup>16</sup>.

Em 19/4/1928, o dia do seu 28º aniversário, o Eng. Duarte Pacheco é nomeado Ministro da Instrução Pública do 1º governo do General José Vicente de Freitas, o qual durou desde 18/4/1928 (data em que o General Carmona foi eleito Presidente da República) até 10/11/28<sup>17</sup>. Este governo tinha apenas 3 militares e a “participação de vários técnicos, com escassa ou nenhuma formação partidária.”<sup>18</sup>. Um desses técnicos era o Prof. Doutor Oliveira Salazar, e foi Duarte Pacheco que recebeu a incumbência de ir a Coimbra convidá-lo para ocupar a pasta das Finanças<sup>19</sup>. Da actividade de Duarte

---

(15) Carta de Fernando Silva ao jornal *Expresso* de 10/3/1984.

(16) TELMO, Cottinelli - *op. cit.* Há ainda uma história contada oralmente pela Sra. Eng. Teresa Pêra sobre os “rabiscos” e o quanto estes irritavam os arquitectos: Pardal Monteiro, já aborrecido com tantas alterações ao seu projecto da Estátua equestre de D. João IV em Vila Viçosa, enviou ao ministro um desenho entre vidros, dizendo a várias testemunhas “Esta o gajo não vai rabiscar!”. Duarte Pacheco ficou de tal modo ofendido que nunca mais lhe falou.

(17) Diz o Vereador Luíz Teixeira na reunião da CML em 30/12/1943: “Lembro-me da sua chegada ao Poder naquele dia de Abril de 1928. Êle era um rapaz. Parece-me ouvir ainda o Presidente do Ministério de então dizer ao apresentá-lo: - ‘Tenho muito gosto em dar posse da pasta da Instrução a um homem novo, activo, enérgico e decidido...’”. *Revista Municipal*, n.º especial de 1944, p. 43.

(18) MARQUES, A. H. Oliveira - *op. cit.*, p. 370.

(19) Continua o Vereador Luíz Teixeira:  
“Três ou quatro dias depois (do dia 19/4/1928) fui esperá-lo, à noite, à estação do Rossio. O Ministro vinha de Coimbra. Eu estava ali para saber dêle uma notícia que viria mudar o rumo histórico dos acontecimentos contemporâneos. Lembro-me bem. Perguntei-lhe apenas: - Então?... Conseguiu?... Sempre vem?”

Pacheco neste ministério “cabe destacar os diplomas legislativos que procuraram regulamentar o ensino liceal, organizar o artístico e remodelar o universitário”<sup>20</sup>, projectando também o organismo que se veio a chamar Junta de Educação Nacional e que deu mais tarde origem ao Instituto de Alta Cultura.

Quando em Novembro este governo foi remodelado, os ministros da Instrução e da Justiça foram substituídos por elementos da extrema direita<sup>21</sup>. O novo Ministro da Instrução Pública do governo de General Vicente de Freitas foi o também General Cordeiro Ramos, um especialista em assuntos e literatura alemã, que frequentou a Universidade de Leipzig e que exerceu este cargo várias vezes até 24/7/1933.

Enquanto Duarte Pacheco voltou ao seu antigo cargo de Director e Professor do IST, o novo Ministro procedeu a uma significativa reforma no ensino superior baseada no modelo alemão, no qual as escolas técnicas de engenharia e outras dependiam das universidades, enquanto no modelo francês, defendido por Duarte Pacheco, estas dependiam do Ministério da Indústria. No entanto, como Director do IST, Duarte Pacheco teve de obedecer ao diploma legal que criou a Universidade Técnica de Lisboa (Decreto-Lei nº 19 081 de 1930), na qual foram incluídas 4 escolas: o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, actual ISEG, o I. S. de Agronomia, o I. S. de Medicina Veterinária e o I. S. Técnico. Os estatutos da nova Universidade foram aprovados pelo Dec.-Lei nº 19 848 de 2/6/1931<sup>22</sup>.

---

Não me respondeu com palavras. No seu olhar alvoroçado, no seu sorriso de contentamento foi fácil ao jornalista adivinhar o grande facto da semana, o grande facto do século em Portugal. Dias depois um professor de Coimbra, *obrigado* - no seu próprio dizer - *a abandonar o sacerdócio do ensino e a tomar por caminhos difíceis uma cruz mais pesada*, assumia a gerência da pasta das Finanças. “, p. 43.

(20) *Evocar Duarte Pacheco...*, p. 12.

(21) MARQUES, A. H. Oliveira - *op. cit.*, p. 370.

(22) Esta reforma foi efectuada no seguimento da legislação de 1911 (Dec.-Lei de 23/3/1911) que extinguiu o Instituto Industrial e Comercial de Lisboa e criou em sua substituição 2 novas escolas: o Instituto Superior de Comércio (transformado em 1930 em ISCEF, mais tarde em ISE e actualmente ISEG) e o Instituto Superior Técnico, cujo fundador e 1º Director foi o Prof. Alfredo Bensaúde, o qual efectuou enormes reformas no tipo de ensino, logo a partir de 1911. Segundo ele, “na escola tradicional, o ensino fazia-se quase exclusivamente por meio de giz e quadro negro, e onde os poucos aparelhos e instrumentos científicos eram expostos como numa vitrine de oculista e apenas eram mostrados de longe aos alunos...”. Revista *Técnica*, 1937.

No dia 5/7/1932 toma posse o 1º Governo de Salazar, “um ministério predominantemente civil e de indivíduos da sua geração, que o admiravam sem reservas.”<sup>23</sup>. Duarte Pacheco, com 32 anos, é convidado para ocupar o cargo de Ministro da Obras Públicas e Comunicações, ministério criado pela 1ª vez. Salazar tinha 43 anos (n. 28/4/1889). Uma das primeiras cerimónias oficiais em que este governo participou foi a chegada do corpo do Rei de Portugal, D. Manuel II, falecido em Inglaterra nesse ano<sup>24</sup>.

Por esta altura, o seu antigo professor e amigo pessoal Mira Fernandes cortou relações com ele, por divergências políticas relacionados com os ideais nacionalistas deste governo que chocavam com uma possível filiação maçónica do primeiro<sup>25</sup>. A briga foi de tal modo forte, depois de tão grande amizade, que Mira Fernandes nunca mais entrou pela porta principal do IST, cuja fachada fora mandada embelezar por Duarte Pacheco, enquanto não estavam concluídas as obras do novo edifício.

Uma das prioridades do novo ministério foi o início do processo de construção de infraestruturas básicas, das quais o país estava carente<sup>26</sup>. Porém, o seu trabalho não seria concretizável sem uma importante reforma legislativa e do próprio funcionamento do ministério que lançou as bases de toda a sua obra. Sobre este assunto, o elogio fúnebre de Salazar é bastante claro: “A perfeição da obra material e até da construção jurídica, quando lhe cabia fazê-la e a realizava com a facilidade dos matemáticos para o direito, derivava da rara compleição intelectual dessa extraordinária feição de espírito, igualmente apto para as grandes linhas e as pequenas cousas...”<sup>27</sup>. As grandes linhas foram traçadas com a introdução da legislação que deu origem aos primeiros “Planos Gerais de Urbanização e Expansão”: Dec.- Lei nº 24 802 de 21/11/1934, o qual reforçou a tutela dos municípios face ao poder centralizado do Estado Novo. O referido

---

(23) MARQUES, A. H. O. - *op. cit.*, p. 372.

(24) Fotografia com o título: “O Governo da República espera o corpo de Rei de Portugal”, catálogo *Evocar Duarte Pacheco...*, p. 16.

(25) Alvitado pela Sra. Eng. Teresa Pêra, por confirmar.

(26) “Pois a rede de estradas, a partir da proclamação da República em 1910, por falta de dinheiro e carência de serviços de conservação, foi-se deteriorando a tal ponto que em 1926 estava, com raras exceções, intransitável. Cheias de buracos, era impossível percorrer as estradas nos automóveis que então começavam a tornar-se mais numerosos. Uma pequena viagem constituía uma grande aventura.” CAETANO, Marcelo - *Minhas Memórias de Salazar*, p. 27.

(27) *Revista Municipal*, 1944, p. 27.

diploma consignava que, de futuro, “nenhuma obra de urbanização se realizará que não seja parte integrante de um plano geral de urbanização devidamente concebido (...) segundo bases que o Governo estabelece”<sup>28</sup>.

Os seus métodos de trabalho tornaram-se célebres e responderam ao que Salazar esperava de um técnico cuja função era resolver problemas concretos, sem hesitações: “defrontando-se com a inércia da burocracia estatal, onde escasseavam quadros técnicos, ele criava nos meados dos anos 30 uma série de organizações dirigidas por pessoas da sua confiança, que despachavam directamente com ele, e que passou a constituir uma verdadeira administração paralela, praticamente à margem das direcções gerais do seu e até de outros ministérios. Com a designação de juntas, comissões ou delegações, foram criadas, num curto espaço de tempo, mais de uma dezena destes organismos, cobrindo todos os sectores de actividade, desde as escolas dos três graus aos hospitais, dos quartéis às construções prisionais, dos CTT à Caixa Geral de Depósitos, da GNR à Guarda Fiscal, das Alfândegas à Hidráulica Agrícola.”<sup>29</sup>). Este singular método de trabalho, centralizando várias funções numa pessoa só, antecipa as características do governo de Salazar, com o qual Duarte Pacheco se revela bastante parecido, não só profissionalmente, como na vida particular: uma vida dedicada inteiramente ao trabalho, praticamente sem vida pessoal, sem casamento, sem filhos.

Para o aconselhar em tão vasto programa urbanístico, Duarte Pacheco convidou em 1932 o Arquitecto francês J. C. Forrestier e em 1933 o Arquitecto Urbanista, também francês, Alfredo Agache que colaborou no Plano de Urbanização da Costa do Sol <sup>30</sup>. No entanto, as “pequenas cousas” incluíam medidas drásticas como expropriações em massa de terrenos rurais para serem urbanizados, o que, em conjunto com a perda de poder dos municípios, levaram a uma onda de pressões internas no governo que provocaram a sua saída no fim do 2º governo de Salazar, em 18/1/1936, data em que o Presidente do Conselho acumulou as pastas das Finanças, da Guerra e dos Negócios Estrangeiros. Mostrando-se arrependido de o ter dispensado nesta época, diz Salazar depois de grandes elogios: “Apesar disso tive de sacrificá-lo uma vez na constituição do Governo. Ai dos povos que não suportam a superioridade dos seus grandes homens! Infelizes ainda mais aqueles cuja política não

---

(28) FERREIRA, Vítor Matias - *op. cit.*, p. 360 -361.

(29) PEREIRA, Nuno Teotónio - “A Arquitectura do Estado Novo...”, p. 329.

(30) Este Arq. Alfredo Agache tinha participado com sucesso no Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento do Rio de Janeiro e foi chamado em 1933 por Duarte Pacheco para proceder ao estudo preliminar da extensão oeste da cidade de Lisboa.

está ordenada de modo que os homens de raro valor possam servir a nação!”<sup>31</sup>.

Porém, antes desta sua saída, Duarte Pacheco ainda teve o orgulho de inaugurar como ministro o novo edifício do Técnico, em Junho de 1935, o qual, segundo as palavras do Prof. Alfredo Bensaúde (de novo director na época), “do ponto de vista estético é uma obra modelar. (...) Revelam estas instalações, tão inteligente e minuciosamente estudadas, não só o talento do arquitecto, mas ainda a competência do admirável organizador que é o engenheiro Duarte Pacheco”<sup>32</sup>).

Desta vez, a sua volta ao Técnico foi curta, mas determinante na trabalhosa mudança do Instituto para as novas instalações que iniciaram o seu funcionamento em Maio de 1936, exactamente nas celebrações das Bodas de Prata da sua criação legal. E era este outro aspecto no qual Duarte Pacheco era perito e aqui teve um treino intenso e proveitoso: as suas qualidades de mestre de cerimónias, cuidando para que tudo estivesse perfeito em qualquer acontecimento público são exaltadas por todos os profissionais que com ele trabalharam. Ao longo de toda a sua carreira pública, ele teve aliás inúmeras ocasiões para as demonstrar. Em 1937 terminou o 1º curso saído do novo edifício e a cerimónia de comemoração foi repetida 50 anos depois, com uma placa colocada no átrio do edifício principal.

Neste período Duarte Pacheco recebeu em sua casa um sobrinho que veio estudar para Lisboa e foi seu aluno no Técnico.

Logo no início de 1938, Duarte Pacheco retoma a sua obra ao assumir a Presidência da Câmara Municipal de Lisboa (depois do General Daniel de Sousa), cargo que acumula a partir de Maio do mesmo ano com a pasta da Obras Públicas. E é a partir desta data, já inteiramente seguro da sua posição, que o ministro reafirma o seu poder, legitimado no princípio do supremo sacrifício à nação, a qual o desejou de volta depois de tão ingratamente o dispensar, e na obediência à vontade suprema do Chefe do Governo. O discurso de aceitação do cargo de ministro contém todas estas coordenadas: “O meu regresso (...) parece ter o significado - ao menos tem-no para mim - de ‘verdictum’ da Nação à obra que iniciei neste Ministério em 1932 e *foi interrompida* (itálico nosso, demonstrativo do seu desagrado) no começo de 1936. (...) Aqui servi devotadamente aos meus concidadãos, aqui queimei anos de vida (...), aqui me fiz quási um velho. E quanto sofrimento e quantas amarguras colhi! (...) Eu já esqueci tudo... (...) Vou procurar agora reunir as poucas forças que ainda me restam, para servir mais uma vez o meu país. (...) A minha acção consistirá fundamentalmente em cumprir e fazer

---

(31) *Revista Municipal*, 1944, p. 28.

(32) Discurso de Alfredo Bensaúde na inauguração das novas instalações do IST, em Junho de 1935, publicado na *Revista Técnica* em 1937.

cumprir a palavra de ordem do doutor Salazar (...), dêsse monge da Pátria...”<sup>33</sup>. Este modelo de obediência cega ao líder é por ele transposto para o Ministério e para a Câmara Municipal: “É condição necessária à eficácia do nosso esforço trabalharmos todos como um só homem, uma só vontade, um só pensamento”<sup>34</sup>. Esta visão do poder inclui-se perfeitamente nas teorias do Estado Corporativo desenvolvido por Salazar.

A partir do momento em que chegou à Câmara, o novo presidente voltou a analisar o processo de expropriações considerado necessário à realização do plano urbanístico pensado já desde o mandato anterior. A partir da consulta jurídica ao Prof. Marcelo Caetano a legitimação estava dada para que o processo se iniciasse imediatamente: “a compra ou expropriação pelo Município de terrenos urbanizáveis, em vez de, como até aí, se deixar os especuladores comprá-los e urbanizá-los mediante uma concessão (...) mostrei-lhe o que fora a experiência feita na cidade de Viena com a municipalização dos terrenos. Duarte Pacheco apreendeu logo o sistema e pô-lo em prática, com grande resistência e indignação dos empresários das urbanizações, habituados a enriquecer no negócio, e dos próprios proprietários.”<sup>35</sup>.

Odiado por muitos, admirado por muitos mais, Duarte Pacheco não parou mais o seu trabalho, sempre activo, sem descanso, dormindo muito pouco de noite e aproveitando as viagens de carro para pôr o sono em dia, tudo isto continuando o seu “sacrifício pela Nação”. Em todo o seu tempo de Ministro só visitou a casa do irmão por duas vezes! As visitas pessoais e familiares eram recebidas no próprio ministério. Quando, numa dessas visitas, a pequena sobrinha e afilhada Fernanda lhe perguntou porque não tinha ainda casado, Duarte Pacheco respondeu-lhe:

- Não tive tempo, filha!

Nesta época, o ministro morava na Av. Pedro Álvares Cabral, nº 28, 3º Dt. e as fotografias do interior da sua casa revelam um forte ambiente de trabalho, com a sala de jantar e o escritório juntos, ambos cheios de papéis e livros, incluindo a própria mesa de refeições que parece nunca ter sido usada para esse fim<sup>36</sup>. Parece, no entanto, que jantava frequentemente em casa dos seus amigos e colaboradores, em cujas famílias era recebido com agrado.

---

(33) *Revista Municipal*, 1944, p. 17.

(34) Citado pelo vereador Luíz Teixeira, *Revista Municipal*, 1944, p. 46.

(35) CAETANO, Marcelo - *op. cit.*, pp. 170 - 171.

(36) Fotografias publicadas no Catálogo *Evocar Duarte Pacheco...*, pp. 20 - 21.

Encarregado por Salazar <sup>37</sup> de organizar as comemorações do Duplo Centenário da Nacionalidade (1939: 800 anos da Independência de Portugal por D. Afonso Henriques; 1940: os 300 anos da Restauração da Independência de Portugal por D. João IV) Duarte Pacheco realizou uma viagem a Itália e a França<sup>38</sup>, acompanhado do Arq. Cottinelli Telmo, a quem nomeou arquitecto-chefe da Exposição do Mundo Português, com o objectivo de estudar os planos da Exposição Universal de Roma, a realizar em 1942. Nessa viagem de estudo, o ministro aproveitou para visitar as obras das famosas auto-estradas italianas, vestido com o seu famoso fato-de-macaco. Os ensinamentos colhidos nesta viagem foram fundamentais para a execução das auto-estradas e viadutos portugueses, por ele mandadas construir nessa época.

Depois de uma vida agitada, caracterizada por um enorme desejo de perfeição em todos os trabalhos a que se dedicava, que incluíam uma rotina diária de visitas, muitas vezes de surpresa, às constantes obras em curso por todo o país, Duarte Pacheco sofreu um grave acidente no seu Citroen preto de matrícula BD - 10- 42 <sup>39</sup>, quando voltava de Vila Viçosa, onde se estavam a projectar a praça e os jardins, no dia 15/11/1943. Nessa viagem, o ministro fizera-se acompanhar por Jorge Gomes de Amorim, um Engenheiro Agrónomo, especializado em Silvicultura, seu colaborador na Câmara Municipal de Lisboa em tudo o que dizia respeito a arranjos paisagísticos<sup>40</sup>. Atrasado para uma reunião do Conselho de Ministros em Lisboa, pediu ao motorista para acelerar; porém, ao passar por Vendas Novas, numa curva apertada na chamada “Cova de Lagarto”, este não conseguiu controlar a excessiva velocidade, despistando-se e saindo da estrada de encontro a um sobreiro. O Eng. Jorge Gomes de Amorim faleceu imediatamente. Levado para o

---

(37) “A sua (de Salazar) interferência em todos os aspectos da vida nacional podia até abranger programas de celebrações e festividades. Em 1938, por exemplo, lavrou do seu punho as bases de todo o programa das comemorações do Duplo Centenário, a realizar em 1939 e em 1940, incluindo pormenores de livros a imprimirem-se e de cortejos históricos a organizarem-se.” MARQUES, A. H. O. - *op. cit.*, p. 380.

(38) Sobre esta viagem apenas se encontram testemunhos indirectos: PEREIRA, N. Teotónio - *op. cit.*, p.349.

(39) Fotografia do espólio de Duarte Pacheco, publicada no catálogo *Evocar...*, p. 25. Este famoso automóvel é também referido por Cottinelli Telmo no artigo citado, publicado na Revista *Panorama*, 1944: “O BD-10-42 estará daí a horas em Coimbra, no ambiente da Cidade Universitária? No Norte, no Sul? Em que lugar? Em que obra?”.

(40) Entrevista a Maria Helena Gomes de Amorim, filha do Eng. Jorge Gomes de Amorim, publicada na revista *Indústria da Construção*, pp. 66 - 67.



Hospital de Setúbal, o ministro veio a morrer no dia seguinte, com 43 anos.

O seu corpo foi posto em câmara ardente no edifício da Câmara Municipal de Lisboa e a cerimónia teve toda a pompa a que os seus cargos de Ministro e Presidente da Câmara obrigavam. A toda a encenação do funeral, “Faltava ‘O Grande Encenador!’... Faltava aquê que teria movimentado tôda a gente e resolvido tôdas as dificuldades para dar imponência ao acto!... Nessa última colaboração era ainda êle quem os comandava...”<sup>41</sup>.

Segundo as palavras do Arq. Cottinelli Telmo, o mestre de cerimónias de Salazar era o melhor organizador das cerimónias públicas, chegando sempre mais cedo para verificar se tudo estva no devido lugar. No entanto, como se pode ver nas fotografias do seu funeral, a cerimónia estava bastante completa, com o seu caixão a ser transportado aos ombros de alguns alunos do Técnico, toda a Praça do Município e ruas limítrofes rodeadas por guardas em formatura, carros puxados a cavalos, bandeira preta hasteada no edifício<sup>42</sup>. A Câmara Municipal de Loulé ainda tentou uma petição para que o seu corpo fosse para a sua terra natal, mas além de Salazar ter considerado que ao seu ministro pertencia ser enterrado em Lisboa, o próprio Duarte Pacheco não manteve em vida os laços que o uniam a Loulé: não voltava lá em férias e, das poucas vezes que lá se deslocou, nunca visitou a Câmara Municipal oficialmente, por divergências com as autoridades locais, provocadas pela desobediência destas às directivas dos planos directores de urbanização emitidos pelo ministro, mais especificamente por causa da abertura da Rua da Corredoura, a qual não foi construída de acordo com o projecto aprovado por ele. Curiosamente, esta mesma rua veio a chamar-se Rua Eng. Duarte Pacheco<sup>43</sup>.

Considerado uma inteligência, cujo maior bem eram as qualidades que colocou ao serviço do país, teve um epíteto condigno nas palavras de João Carlos Alves: “Duarte Pacheco viveu, lentamente depressa, os negros cuidados de homem de Estado e foi morrer em plena encosta abrupta da Fama (...), mas consigo levou os bens que possuía!”<sup>44</sup>.

---

(41) TELMO, Cottinelli - *op. cit.*, s. p.

(42) Espólio de Duarte Pacheco, Museu da Cidade, publicadas no catálogo *Evocar...*, p. 25.

(43) GUERREIRO, Luís - “Duarte Pacheco e a Rua da Corredoura”, in *A Voz de Loulé* de 15/12/1992.

(44) ALVES, João Carlos - “O Eng. Duarte Pacheco e as Águas de Lisboa”, in *Boletim da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa*, p. 9.

## CAPÍTULO 2: A OBRA

Enquanto Director e Professor do IST, já se falou no significativo trabalho de construção das novas instalações. Quanto à sua curta passagem pelo Ministério da Instrução Pública, salienta-se o já referido projecto da criação da Junta de Educação Nacional, a remodelação do Ensino Primário, a criação de novos liceus em Lisboa e Coimbra. “Faz um empréstimo destinado à construção e reparação de edifícios liceais (...) e às despesas de instalação das residências de estudantes. (...) Estabelece as propinas a cobrar pela frequência dos liceus, criando ao mesmo tempo Bolsas de Estudos. Organiza bibliotecas e regulamenta a admissão de professores provisórios. Altera os programas dos cursos do Conservatório Nacional de Música. (...) Autoriza os serviços de leitura nocturna na Biblioteca Nacional. Promulga a lei orgânica das Faculdades de Direito.”<sup>1</sup>

A enumeração das obras de Duarte Pacheco enquanto Ministro da Obras Públicas e Comunicações e Presidente da Câmara Municipal de Lisboa é consideravelmente extensa, pois o volume de construções efectuado só é talvez comparável à obra do Marquês de Pombal na época do terramoto. Neste caso, o terremoto foi provocado pela legislação inovadora que foi introduzida:

- Decreto-Lei nº 24 802 de 21/11/1934 e os *planos gerais de urbanização e expansão*.

- Decreto-Lei nº 28 197 de 1/6/1938 sobre o processo de expropriação de propriedades.

Esta legislação lança as bases da política urbanista do Estado Novo, assente nas obras públicas em 2 vectores:

- 1- eliminação do monopólio privado do solo urbano;
- 2 - subsídio pelo trabalho, proporcionando mão-de-obra barata.

Como objectivo central: criação de infraestruturas básicas que permitissem a expansão do mercado interno<sup>2</sup>.

Para a concretização destes objectivos, o ministro não teve qualquer problema em “calcar interesses legítimos”, “levando de vencida tudo quanto à realização (da sua obra) se opunha: rotina, burocracia, bajulação, falta de quadros técnicos,

---

(1) MADEIRA, José António (Engenheiro Geógrafo, secretário particular do ministro neste período) - “O Engenheiro Duarte Pacheco como Ministro de Instrução Pública”, in *A Voz de Loulé*, 16/11/1953, pp. 3-5.

(2) SILVA, Carlo Nunes - “A ‘urbanística’ do Estado Novo...”, p. 378.

de compreensão, de verbas, de apoios...”<sup>3</sup>. Esses interesses eram também económicos, pois a Política de Expropriações dos terrenos rústicos tinha o objectivo de financiar as obras públicas de urbanização da Câmara Municipal: estes terrenos eram depois vendidos muito caros aos construtores privados que faziam prédios de rendimento. “Entretanto a operação fachadista foi ao mesmo tempo uma intervenção fundiária, cujo modelo o Município iria utilizar daí por diante sistematicamente, aproveitando a enorme área de terrenos que Duarte Pacheco expropriara: a venda de lotes camarários aos construtores, muitas vezes com projectos fornecidos pela Câmara, como forma de garantir a aplicação do receituário formal e a unidade do conjunto. Este método garantia a entrada de vultuosos capitais nos cofres camarários, o que permitiu o financiamento das obras de urbanização por toda a cidade. O modelo do prédio de rendimento lisboeta desempenhou um papel-chave na estética urbana da salazarismo (...) e passou a constituir um padrão consagrado, por isso destinado a ser reproduzido até à exaustão.”<sup>4</sup>

Não nos cabe aqui analisar o debate sobre a arquitectura do Estado Novo, muito interessante, aliás, nem divagar sobre as vantagens ou desvantagens deste processo de expropriações na expansão urbana da cidade de Lisboa. Pode apenas verificar-se que a delineação das artérias principais da cidade e a introdução dum as determinadas características arquitectónicas marcaram definitivamente a vida e a estética desta e de outras cidades do país.

Outro aspecto fundamental e repetidamente salientado pelos comentadores da obra de Duarte Pacheco é a enorme criação de emprego que a sua obra proporcionou, beneficiando do dinheiro das expropriações, mas também de uma parte significativa do Orçamento Geral do Estado: “de 1932 a 1946 a percentagem de verbas dispendidas pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações nos orçamentos gerais do Estado foi sempre uma das mais elevadas, oscilando entre um mínimo de 13,8% em 1943 e um máximo de 25,5% em 1934 - 35 e em 1946”<sup>5</sup>. As mais variadas categorias profissionais viram a sua oferta de emprego aumentar:

---

(3) AMARAL, Francisco Keil - “Evocação de Duarte Pacheco”, in *Revista Municipal*, 1973, p. 7.

(4) PEREIRA, N. Teotónio - *op. cit.*, p. 331.

(5) MARQUES, A. H. O. - *op. cit.*, p. 467. Este autor acrescenta ainda um importante quadro com a distribuição dessas verbas pelos vários tipos de obras no mesmo período (em %): Comunicações (estradas, caminhos-de-ferro, pontes, aeródromos, telecomunicações, etc.).

- os **trabalhadores rurais**, com a reconstrução da rede de estradas, as obras de fomento agrícola e hidráulico e a “realização das grandes obras que o abastecimento de água à cidade exigia, estas também com o óptimo fim de minorar o desemprego, no Ribatejo, principalmente...”<sup>6</sup>

- os **engenheiros**, contratados pelas Câmaras Municipais e pelo ministério<sup>7</sup>, principalmente na construção de estradas, pontes, viadutos, etc..

- os **arquitectos**: logo em Setembro de 1932, Duarte Pacheco decretou uma significativa reforma no próprio ensino da arquitectura, com o objectivo de melhorar a “preparação, não só profissional mas intelectual também, dos arquitectos que tão precisos eram à Nação. (...) Institui também o regime de ‘concursos’ de projectos, à moda francesa”<sup>8</sup>. A valorização desta profissão incluiu a contratação de arquitectos em grande número para as novas obras a realizar, depois de uma prática ancestral de construção dos edifícios pelos mestre de obras ou talvez pelos engenheiros civis, sem qualquer intervenção destes profissionais: “Em 1932, dos 600 projectos submetidos à Câmara de Lisboa só 10 foram assinados por arquitectos - e o total da cidade recente tinha mais de 99% de edifícios projectados por ‘curiosos’!”<sup>9</sup>. É claro que aqui entra a polémica sobre o aspecto ditatorial e nacionalista da arquitectura

---

Fomento hidráulico	31
Fomento cultural e social (escolas, museus, bibliotecas, etc.)	5
Assistência e saúde (hospitais, pousadas, etc.)	4
Administração militar e civil	4
Casas económicas	3
Fomento geral	3
Melhoramentos rurais	3
Restauro de monumentos e palácios	1
Instalações desportivas	1

(6) ALVES, João Carlos, in *Boletim da Comissão de Fiscalização...*, p. 7.

(7) “O desemprego resultante da crise económica e a falta de procura pelas empresas privadas, permitiu-lhe recrutar para o serviço do Estado quantos engenheiros quis.” CAETANO, Marcelo - *Minhas Memórias de Salazar*, p. 172.

(8) FRANÇA, José-Augusto - “Lisboa e a arquitectura dos anos 30 e 40”, in *Revista Municipal* de 1973, p. 19.

(9) *Ibidem*. Sobre este assunto diz ainda Nuno Teotónio Pereira (*op. cit.*, p. 326) que os arquitectos desta época tinha uma espontânea atitude de colaboração, por vezes entusiástica, com o ministro Duarte Pacheco: “O facto de a política de incremento das obras públicas e da construção privada ter feito aumentar consideravelmente o mercado de trabalho duma classe profissional que até então tinha vivido numa situação de subutilização e com um estatuto social inferior. O novo regime apresenta-se assim como o benfeitor de uma cate-

introduzida na época, pois os críticos de arte revoltam-se contra o abandono da linguagem modernizante e sua substituição por um “historicismo equívoco”<sup>10</sup>. Porém, a maioria dos arquitectos que para ele trabalharam exprimem grande admiração pelo seu empregador, o ministro Duarte Pacheco, e revelam que os projectos, apesar da sua realização estar dependente da vontade e das directivas anteriormente impostas pelo ministro, não deixam de ser elaborados num ambiente criativo altamente estimulante.

- os **artistas**, desde pintores, escultores, etc., convidados para embelezar as construções: “o estímulo dado aos artistas portugueses foi notável, distribuindo trabalho e proporcionando oportunidades únicas de revelação de valores e criação de autênticas obras de arte e de gosto decorativo, a dezenas de artistas, consagrados ou novos”<sup>11</sup>. Também proporcionou emprego aos **músicos**: “Tendo sido o fundador (como Ministro que também era das Comunicações) da Emissora Nacional, nela instituiu a Grande Orquestra Sinfónica Nacional que num período difícil para a vida dos músicos profissionais veio dar trabalho aos melhores”<sup>12</sup>.

- os **empreiteiros**: “Pelo rápido ritmo que imprimiu às variadas obras, os empreiteiros tiveram um largo campo onde exercer a sua actividade (...) aperfeiçoaram-se na sua técnica, aumentaram as suas organizações e apetrecharam-se convenientemente”<sup>13</sup>. É conhecida a criação nesta época da classe dos conhecidos “patos bravos”, mestres de obras geralmente da província que vieram para Lisboa participar na construção dos novos bairros, enriquecendo consideravelmente no processo. Por curiosidade apresenta-se em anexo um anúncio duma empresa de construções que cresceu significativamente neste período e que se vangloria exactamente de ter construído grande parte das obras mandadas realizar por Duarte Pacheco.

- os **operários**, especializados ou não, que viram a oferta de emprego aumentar por muitos anos, apesar de ser com salários baixos.

---

goria profissional, cuja colaboração era indispensável aos seus desígnios. Encontra aqui plena justificação a homenagem prestada a Duarte Pacheco, fazendo-o sócio honorário do Sindicato Nacional dos Arquitectos.”

(10) MOURA, Carlos - “A Arte em Portugal”, p. 325.

(11) MACEDO, Diogo de - “Duarte Pacheco e a Arte”, in *Boletim da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa*, p. 46.

(12) CAETANO, Marcelo - *op. cit.*, p. 171.

(13) MAIA, Eng. Bernardo Moniz da - “O Engenheiro Duarte Pacheco e os Empreiteiros”, in *Boletim...*, p. 48.

Nesta política social está incluído o grande incremento da construção de bairros sociais, um fenómeno iniciado pela 1ª República, mas que por falta de capitais devido à instabilidade política e económica não foi concluído, nem sequer executado na maioria dos casos. O Bairro Social do Arco do Cego é um dos exemplos que foi terminado já pelo estado novo. Nestes bairros aplicou-se um enquadramento jurídico inovador: as chamadas “rendas resolúveis”, nas quais os novos moradores, criteriosamente seleccionados de acordo com os objectivos sócio-profissionais pretendidos para cada bairro, ao pagarem as rendas acabavam por se tornar proprietários das casas. Arquitectonicamente, estes bairros caracterizam-se por uma adaptação ou mesmo invenção do estilo da “casa portuguesa”, uma moradia unifamiliar, geralmente geminada, com um pequeno espaço verde à volta e construída com materiais baratos, nos quais o investimento era muito baixo.

Enumeração por ordem cronológica das principais obras mandadas construir pelo Engenheiro Duarte Pacheco enquanto Ministro das Obras Públicas e Comunicações e Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

#### 1932

- Decreto-Lei nº 21 879 de 18/11/1932: aprova as bases do novo contrato com a Companhia das Águas, que será assinado em 31/12/1932 e que promoveu a realização das grandes obras que o abastecimento de água à cidade de Lisboa exigia. Além das obras relacionadas com a cidade de Lisboa, houve um grande impulso dado às “autarquias locais, principalmente no estabelecimento de redes de distribuição de água e canalizações de esgoto”<sup>14</sup>.

- Estabeleceu o “regime das zonas de protecção dos edifícios públicos de reconhecido valor arquitectónico” e fundou os “Serviços de Melhoramentos Urbanos e Arruamentos”.

#### 1933

- Projecto da rede de abastecimento de água a Lisboa.
- Inauguração do Pavilhão do Rádio, projecto de 1927, Arq. Carlos C. Ramos.
- Início das obras de restauro do Palácio de S. Bento que duraram até 1942. Arquitectos Ventura Terra, António Lino, Marques da Silva e Luís Cristino da Silva.

---

(14) ALVES, João Carlos - *op. cit.*, p. 7 e p. 18.

- Lançamento do Programa de Casas Económicas, Dec.-Lei nº 23 052.

#### 1934

- Decreto-Lei nº 24 802 de 21 de Novembro: inicia o processo de planificação urbana, com os Planos Gerais de Urbanização e Expansão.
- Projecto do Parque Florestal de Monsanto, Arq. F. Keil do Amaral. Início da florestação em 1938.
- Reorganização do Conselho Superior de Obras Públicas.
- Criação da Comissão de Estética da Cidade de Lisboa.
- Projecto da ponte sobre o Tejo, não concretizado, pois a actual ponte só ficou pronta em 1966; porém há uma fotografia de propaganda de Duarte Pacheco, deste ano de 1934, cuja legenda diz que foi este ministro que mandou construir a ponte.

#### 1935

- Inauguração da Emissora Nacional (estúdios de Quelhas). Arq. Adelino Nunes.
- Inauguração do Emissor de Rádio de Monsanto.
- Inauguração do novo edifício do Instituto Superior Técnico (Junho). Arq. Pardal Monteiro.
- Inauguração do edifício do Instituto Nacional de Estatística. Arq. Pardal Monteiro.
- Projecto de urbanização da Costa do Sol aprovado em Março. Consulta do Arq. francês Agache.

#### 1936

- Início da construção da Alameda D. Afonso Henriques, terminada em 1946.
- Restauro do Teatro Nacional de S. Carlos, terminado em 1940. Arq. G. Rebelo de Andrade.

#### 1937

- Pavilhão Português na Exposição de Paris. Arq. Francisco Keil Amaral.
- Bairros Sociais do Alvito (Arq. Paulino Montês) e da Quinta do Jacinto.
- Arsenal do Alfeite, criado pelo Dec.-lei nº 28 408 de 31/12/1937, como

dependência directa do Ministério da Marinha, mas cuja construção ficou a cargo do Ministério das Obras Públicas e Comunicações.

1938

- Início do processo de expropriações
- Início da execução do Plano de Urbanização de Lisboa, com a consulta de Étienne de Groer: planeamento de uma rede básica de radiais partindo da centro da cidade para a periferia e uma série de quatro circulares concêntricas em Lisboa.
- Alteração da Av. Almirante Reis.
- Plano de Urbanização, de Embelezamento e de Extensão da Cidade de Coimbra, realizado pelo arquitecto-urbanista belga Étienne de Groer. Mais tarde o Arq. Cotinelli Telmo desenhou a Cidade Universitária de Coimbra inspirado na arquitectura fascista italiana.
- Portugal dos Pequenitos, em Coimbra. Arq. Cassiano Branco.
- Liceu D. Filipa de Lencastre. Arq. Jorge Segurado.
- Inauguração (em Outubro) da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, projectada em 1934 por Pardal Monteiro e com vitrais de Almada Negreiros. O mesmo arquitecto desenhou também o Seminário dos Olivais e a Igreja de S. João de Brito, em Alvalade é do Arq. Vasco Regaleira.
- Projecto da Praça do Areeiro. Arq. L. Cristino da Silva.
- Estação dos Telefones do Estoril. Arq. Adelino Nunes.
- Restauro do Castelo de S. Jorge, terminado em 1941.
- Bairros Sociais de Belém, Caramão da Ajuda, com o nome original de Bairro Dr. Oliveira Salazar (Arq. Luís Benavente) e das Furnas.
- Projecto da Cidade Universitária de Lisboa. Arq. Pardal Monteiro.

1939

- Promulgou a nova estrutura dos serviços de Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones (CTT). Fez ainda prosseguir os planos de montagem dos cabos telefónicos subterrâneos e o estabelecimento do serviço automático nos centros urbanos mais importantes.
- Restauro da Sé de Lisboa, terminado no ano seguinte. Arq. António de Couto.
- Alteração do Largo do Rato.
- Comemorações dos 800 anos da Nacionalidade.



- Bairros Sociais da Boa Vista, da Quinta da Calçada (Arq. Couto Martins) e dos Actores.

1940

- **Exposição do Mundo Português.** Arquitecto-Chefe Cottinelli Telmo.

\*Pavilhão dos Portugueses no Mundo. Arq. Cottinelli Telmo;

\*Padrão dos Descobrimentos, Arq. Cottinelli Telmo, esculturas de Leopoldo de Almeida, monumento efémero, construído em pedra apenas em 1960, nas comemorações do 5º Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

\*Pavilhão da Vida Popular: Arq. Veloso dos Reis Camelo;

\*Pavilhão do Brasil: Arq. Raúl Lino;

\*Pavilhão dos Descobrimentos: Arq. Pardal Monteiro;

\*Pavilhão de Honra e Pavilhão de Lisboa: Arq. Cristino da Silva.

- Fonte Monumental na Praça do Império.

- Inauguração do Estádio Nacional. Arq. Jacobetty Rosa.

- Inauguração do Viaduto de Campolide.

- Construção da Auto-Estrada Lisboa - Estádio Nacional.

- Construção da Marginal Lisboa - Cascais.

- Construção da Av. Almirante Gago Coutinho e colocação no mercado dos respectivos terrenos camarários, fruto das expropriações, para a construção de casas de luxo.

- Início da venda da encosta do Restelo, “lugar enobrecido pela vizinhança do Manuelino, com vista para o Tejo das caravelas e a caminho da então Costa do Sol”, em “lotes ajardinados” para construção de moradias apalaçadas<sup>15</sup>.

- Bairro Social da Encarnação (Arq. Paulino Montês) e do Alto da Serafina.

- Construção da saída para a futura Auto-Estrada do Norte.

- Inauguração do Anexo do Museu Nacional de Arte Antiga (Arq. Rebelo de Andrade) e ampliação do Museu dos Coches.

- Inauguração da Refinaria da Sacor.

---

(15) PEREIRA, N. Teotónio - *op. cit.*, p. 331.

- Construção do Porto de Lisboa, já alterado em 1930.
- Inauguração das Estações Fluvial e Ferroviária de Belém.

1941

- Grandes obras de reconstrução do País devido ao ciclone de 15/2/1941.
- Inauguração do Viaduto Duarte Pacheco, em Lisboa.
- Inauguração da Casa da Moeda. Projecto de 1934 do Arq. Jorge Segurado.

1942

- Inauguração do Mercado de Arroios. Arq. Luís Benavente.
- Inauguração do Aeroporto de Lisboa. Arq. F. Keil Amaral; Engs. Santos Silva e Lopes Monteiro. Planos do Aeródromo de Pedras Rubras no Porto e de um aeroporto marítimo em Cabo Ruivo.
- Novos Pavilhões do Hospital Júlio de Matos. Arqs. Leonel Gama e Carlos C. Ramos.
- Bloco de edifícios fronteiros à Casa da Moeda.
- Bairro Social da Madre de Deus. Arq. Luís Benavente.
- Projecto das Centrais Telegráfica e Telefónica de Lisboa. Arq. Adelino Nunes.

1943

- Inauguração da Fonte Luminosa, na Alameda Afonso Henriques. Arqs. C. e G. Rebelo de Andrade, Escultores Diogo de Macedo e Maximiano Alves, Pintor Jorge Barradas.
- Inauguração da 1ª Feira Popular em Palhavã, no dia 10 de Junho.
- Construção da Gare Marítima de Alcântara, terminada em 1945. Arq. Pardal Monteiro; Frescos de Almada Negreiros.
- Construção da Estátua de D. João IV em Vila Viçosa. Arq. Pardal Monteiro.
- Bairro Social de Campolide.

1944

- Inauguração de Fábrica de Gás da Matinha.
- Bloco de Edifícios no Rua dos Jerónimos.

- Bloco de Edifícios da Rua Eiffel. Arq. A. M. Veloso dos Reis Camelo.

1944

- Inauguração do Estádio Nacional. Arq. Jacobetty Rosa.
- Decreto-Lei nº 33 921 de 5/9/1944 que regula o Plano de Urbanização do Sítio de Alvalade. Este Plano foi iniciado em 1935 pelo Arq. Faria da Costa.

1945

- Inauguração da Gare Marítima de Santos. Arq. Pardal Monteiro.

1948

- Edifícios na Av. Sidónio Pais.
- Central de Água dos Olivais (Canal do Tejo).

1949

- Instituto Português de Oncologia. Arq. alemão Walter Diestel.
- Escola Técnica de Enfermagem. Arq. W. Diestel.
- Torre da Praça de Londres (1949 - 1951). Arq. Cassiano Branco.

1953

- Hospital de Santa Maria em Lisboa e de S. João no Porto. Arq. W. Diestel

Além destas obras, o Ministério de Duarte Pacheco ainda promoveu a reforma dos Serviços de Melhoramentos Rurais, que “fez multiplicar até aos milhares as pequenas obras dos caminhos vicinais, das fontes, dos esgotos e dos cemitérios (...), resolveu a absorção da população dos bairros clandestinos, que fez destruir, pela instalação de 1.000 pequenas casas desmontáveis (...) criou parques infantis, (...) remodelou os importantes serviços de parques e jardins de Lisboa; (...) construção de 10.000 escolas primárias em todo o País, adequadas ao clima e às características regionais; concluiu os novos edifícios de um certo número de liceus; promoveu a conclusão dos edifícios das Faculdades de Engenharia e de Farmácia, da Universidade do Porto, e da Maternidade Júlio Diniz, na mesma cidade; (...) promoveu a construção da nova estrada marginal do Douro; fêz estudar a sinalização das estradas; aboliu o regime de portagem

nas pontes (...) notáveis realizações das pousadas de Turismo. (...) Nos transportes ferroviários (...) orientou a aquisição de moderníssimas carruagens metálicas, inauguradas em 1940 (...) Quanto aos transportes por estrada, (...) reorganizou os Serviços de Viação, criou o Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis e regulamentou os transportes em automóveis pesados.”<sup>16</sup>. Reorganizou também a Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola, a qual desenvolveu um importante trabalho relacionado com a política de rega e que incluiu levantamentos topográficos e hidrográficos dos troços com interesse económico dos rios Zêzere, Lis, Vouga, Mira, Mondego e Guadiana. Início do Projecto da Barragem de Castelo de Bode.

Salienta-se ainda que foi uma época de grandes construções fomentadas pela iniciativa privada, das quais se destacam as obras do Arq. Cassiano Branco: o Éden Teatro, plano de 1930, inauguração em 1937, o Hotel Victória na Av. da Liberdade e o Grande Hotel do Luso em 1938; Casino do Estoril do Arq. francês Jourde, inaugurado no verão de 1931; o edifício do Diário de Notícias; o Cinema Capitólio em Lisboa (1925 - 31) do Arq. Cristino da Silva.

Sobre o vasto programa de reconstrução de monumentos, que incluíram os já referidos Palácio de S. Bento, Castelo de S. Jorge, a Sé de Lisboa, o Teatro Nacional de S. Carlos e ainda a Igreja de Santa Engrácia, o Palácio de Queluz e o Paço Ducal de Guimarães, este pode integrar-se, como diz Nuno Teotónio Pereira, na “obsessão historicista do Estado Novo”, no qual o Monumento é visto como um espectáculo que é necessário reconstruir, limpando-o de tudo o que não é genuíno. Apesar destas intervenções terem incluído obras de preservação e consolidação que foram benéficas, o “refazimento conjuntural” e a “acção de purificação” que a maioria destes monumentos sofreram vieram alterar o significado histórico dos mesmo, tornando-os autênticas aberrações. “De Guimarães a Vila Viçosa muita cirurgia urbana se juntou a costméticas mais ou menos profundas, (realizando-se) volumosas reconstruções que pretendiam simular as construções originais.”<sup>17</sup>. Ficámos assim com um Castelo de S. Jorge completamente inventado, que nunca existiu da forma que actualmente se apresenta, mas se se inclui no vasto programa de criação de memória colectiva, na mesma linha da criação do novo estilo arquitectónico “tradicional português”.

A acção do Ministro das Obras Públicas e Comunicações foi também muito importante na resolução dos problemas causados pelo ciclone que abalou o País no dia 15/2/1941 e que lhe valeu a homenagem dos municípios do

---

(16) *Revista da Ordem dos Engenheiros*, editorial reproduzido na *Revista Panorama* de 1944.

(17) PEREIRA, N. Teotónio - *op. cit.*, p. 333.

Continente. “O vento atingiu na capital 127 Km/hora e, em Sintra, cerca de 200 Km/hora, estando interrompidas todas as comunicações telegráficas e telefónicas entre Lisboa e o resto do País”<sup>18</sup>. Duarte Pacheco usou então os microfones da Emissora Nacional, onde passou toda a tarde e a noite a dar instruções e apoio a todo o país, aos responsáveis pelas estradas e caminhos de ferro, às autoridades locais e aos militares.

Há ainda o testemunho do Prof. Doutor Fernando Emygdio da Silva<sup>19</sup> que afirma a responsabilidade de Duarte Pacheco nas obras do Jardim Zoológico de Lisboa, nomeadamente na supressão da Azinhaga das Águas Boas que cortava o jardim ao meio. Esta obra só se veio a realizar depois da sua morte.

Quanto à sua marca na arquitectura nacional, por muito forte que se tivesse mostrado nas obras que se realizaram durante a sua vida, pois os arquitectos, “se por vezes alguns se recusaram a acatar as imposições formais do poder, uma recusa permanente e sistemática tê-los-ia levado a ficar sem trabalho, uma vez que, nessa época, e em Lisboa, o Estado era a quase exclusiva fonte da encomenda”<sup>20</sup>, depois do 1º Congresso Nacional de Arquitectura, realizado em 1948, esbateu-se consideravelmente.

### CAPÍTULO 3: TESTEMUNHOS DOS SEUS COLABORADORES

#### E CRÍTICOS SOBRE OS SEUS MÉTODOS DE TRABALHO E CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS

Duarte Pacheco passou por fases muito distintas ao longo da sua vida, as quais lhe formaram o carácter e alteraram o comportamento, nunca o fazendo porém perder uma certa alegria interior que se manifestava no permanente sorriso cinematográfico, por vezes natural, outras preparado, mas sempre testemunhado pelos mais variados observadores. Esse sorriso pode também interpretar-se como algo trocista, característica que ele não perdeu duma infância de traquinagens e malandrices, mas que teve de controlar face às

---

(18) Notícia do *Diário de Notícias* de 16/2/1941, publicada na Revista *Indústria da Construção*, p. 50.

(19) SILVA, Fernando - “Duarte Pacheco, realizador de excepção”, in *A Voz de Loulé*, pp. 4 - 7.

(20) PEREIRA, Nuno Teotónio - “A Arquitectura do Estado Novo...”, p. 327. Sobre este tema ler ainda José-Augusto França.

responsabilidades que cedo adquiriu e o fizeram amadurecer rapidamente com a morte do pai aos 14 anos. Um seu conterrâneo descreve-o aos nove anos como “um mocito roliço, corado, irrequieto e mau, daquela maldade muito desculpável aos nove anos de idade” que gostava mais de brincar com as crianças mais velhas, “mesmo enfrentando o perigo de alguns safanões. Mas era assim, sempre corajoso e sempre travesso. (...) O alvo das suas travessuras eram as pessoas crescidas, homens ou mulheres, à custa dos quais o Duarte ria a bandeiras despregadas.” A sua brincadeira favorita era o “dragão”, “uma enfiada de rapazes, presos uns aos outros pela cintura, curvados quanto pudessem, e marchando a toda a velocidade (...) Assim dispostos, percorriam as ruas e os estabelecimentos comerciais, especialmente tabernas, e tudo quanto encontrassem que fosse frágil ou que produzisse barulho na queda, era atirado ao chão.” Actualmente, se um grupo de rapazes fizesse uma brincadeira destas seriam no mínimo considerados delinquentes juvenis e analisados os possíveis traumas familiares, mas naquela época a família pagaria o prejuízo e o incidente era visto como este senhor o descreve: uma traquinice desculpável para a idade. Quando foi para o liceu, “aquela alegria exuberante tolda-se para dar lugar a uma certa tristeza e sisudez” e o gosto pelos estudos ocupou o lugar das brincadeiras de infância, ao ponto de o tornar um aluno brilhante<sup>1</sup>. Diz o seu Professor e amigo pessoal Caetano Beirão da Veiga: “Até terminar o curso de engenheiro-electrotécnico em 1923, Duarte Pacheco não teve outra actividade que não fora: - estudar para aprender; ensinar para viver.”<sup>2</sup>

O testemunho do seu secretário particular enquanto foi Ministro da Instrução Pública é já suficientemente eloquente do método de trabalho que usou durante todos os anos em que foi ministro: “No seu Ministério era um dos primeiros a entrar e o último a sair, já de madrugada e sem horas certas para as suas frugais refeições. Era no entanto bastante pontual nas visitas que fazia quase diariamente às obras do novo instituto (...) Vi-o passar noites inteiras numa actividade inquebrantável, que a todos espantava, por ocasião desse grande movimento grevista dos nossos académicos universitários...”<sup>3</sup>

As características do Professor de Matemática e Director do IST são descritas muito claramente por um aluno seu que fez esta cadeira no ano de 1936. Segundo

---

(1) PEREIRA, J. Guerreiro - “O Duarte que eu conheci”, in *A Voz de Loulé* de 16/11/1953.

(2) Palavras proferidas numa conferência realizada na Casa do Algarve em Julho de 1951, citadas no jornal *A Voz de Loulé* de 16/11/1953.

(3) MADEIRA, José António - “O Engenheiro Duarte Pacheco como Ministro de Instrução Pública”, in *A Voz de Loulé*, 16/11/1953.

ele, Duarte Pacheco a leccionar “era um espectáculo! Vestia com um moderado dandismo, por vezes usava um chapéu de coco. Chegava ao anfiteatro, cumprimentava os alunos com um sorridente ‘bom dia’ e extria do bolso do colete um ‘cebolão’ de prata e um bilhete de carro eléctrico em cujas costas apontara o resumo da lição. Logo, aproveitando a grande dimensão do quadro negro, ia desbobinando numa impecável lógica, com gestos e pausas bem medidas, a lição daquele dia. Por vezes, ao findar uma demonstração mais complexa, comentava enlevado: ‘É mesmo belo!’ Odiava o ‘cancro’ das sebatas. Por isso, alterava todos os anos a sequência do programa do curso, o que representava, por parte dele, um excepcional esforço e, por parte dos alunos, a presença nas aulas, que não era obrigatória.”<sup>4</sup>. Já aqui se pode verificar que as opiniões sobre este professor se dividiam entre alguns bons alunos que o admiravam e os menos bons que decerto faziam o possível para frequentar as aulas do outro professor de Matemática, Bento de Jesus Carraça, já que a frequência das aulas era livre. Quanto às características do novo edifício do IST, este antigo aluno elogia a visão de Duarte Pacheco sobre o ambiente necessário ao estudo da Engenharia, que não existia no “sórdido casarão do Conde Barão”, e que se conseguiu inteiramente num “edifício escolar, respirável, limpo, cheio de luz, com espaço exterior, um ginásio e uma piscina (o que) foi, de facto, audacioso. Só a ideia, ‘revolucionária’ para a época, de o dotar de instalações sanitárias que até tinham papel higiénico!”.

A maior parte dos testemunhos, porém, chega-nos de quem o conheceu no Ministério das Obras Públicas. Tal como já foi salientado, Salazar formou o seu 1º Governo com indivíduos da sua geração e mais novos. Duarte Pacheco tinha 32 anos quando assumiu pela primeira vez a pasta das Obras Públicas e Comunicações e, seguindo o exemplo do Chefe do Governo, fez-se rodear dos melhores técnicos e profissionais da sua geração. Assim, só como exemplo, referem-se alguns arquitectos que participaram nas suas obras mais importantes:

- Pardal Monteiro: 1897 - 1957
- Faria da Costa: 1906 - 1971
- Cottinelli Telmo: 1897 -1948
- Cassiano Branco: 1898 - 1969
- Carlos Ramos: 1897 - 1969
- Luís Cristino da Silva: 1896 - ?
- Francisco Keil do Amaral: 1910 - ?

---

(4) Carta de Fernando Silva, publicada no Jornal *Expresso* de 10/3/1984.

Pode facilmente verificar-se que o nível etário não varia muito do do Ministro, nascido em 1900. No entanto, a sua posição de autoridade conferia-lhe um certo carisma baseado mais na admiração das suas qualidades e da sua lógica e clareza de matemático, do que no medo provocado pelas suas iras. Até mesmo as situações mais injustas são repetidamente justificadas e secundarizadas.

Um dos vários exemplos desta desculpabilização das acções menos correctas do Eng. Duarte Pacheco é-nos dado no discurso do Eng. Moniz da Maia, ao falar sobre as obras de abastecimento de água a Lisboa e a relação do Ministro com os empreiteiros: “A sua ânsia de volume de obras com que entendia, e bem, beneficiar a Nação, levá-lo por vezes a forçar preços e condições de contratos. Só se poderá compreender e, portanto, perdoar esta atitude, se se pensar no fim que ele tinha em vista e no hercúleo trabalho que se impunha para o realizar. É dentro do pensamento do Senhor Presidente do Conselho «Ai dos Povos que não sabem perdoar aos seus grandes homens» que entendo se deve encarar a actuação de Duarte Pacheco.”<sup>5</sup>

O mesmo se passa no texto de homenagem escrito pelo escultor Diogo de Macedo, que entre outras realizou as esculturas da Fonte Luminosa na Alameda Afonso Henriques: começa logo por dizer que “O panorama humano compõe-se dum conjunto de virtudes e de pecados. (...) pelas obras realizadas pelo homem se resolve facilmente a sentença. (...) As sombras são resultados lógicos e inevitáveis da abundância de luz que as ocasiona e projecta” e assim por diante...<sup>6</sup>. Dada a ocasião, as características do discurso continuam apolo-géticas e de permanente elogio, mas não deixa de ser bastante revelador da personalidade aqui estudada: “projectando sem peias de imaginação para muito além do seu tempo (...) temperamento dinâmico e confiado nas próprias possibilidades (...) o mundo era só ele, a sua vontade e a sua acção”<sup>7</sup>. Neste texto encontra-se a única referência a férias que o ministro tenha passado: “Por acaso havemos a sorte de umas breves férias de repouso físico, durante quinze serões de devaneios, que nele eram de agitação imaginativa e produtiva ao mesmo tempo, num terraço de um hotel plantado sobre o mar (não diz onde), ouvirmos da sua boca os mais fantásticos e inesperados sonhos para uma obra a que pretendia em breve dar começo. (...) Mais parecia um poeta fanático de sonhos, do que aquele homem prático, positivo, empreendedor e *incuravelmente engenheiro*,

---

(5) MAIA, Eng. Bernardo Ernesto Moniz da - “O Engenheiro Duarte Pacheco e os Empreiteiros”, in *Boletim da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa*, p. 48.

(6) MACEDO, Diogo - “Duarte Pacheco e a Arte”, *idem*, p. 43.

(7) *Ibidem*, p. 45.





Monumento ao Eng.º Duarte Pacheco em Loulé.

que nos espantava com tantas obras já por si tornadas realidades. (...) Nunca eu julgara que um engenheiro pudesse ser tão desvairadamente poeta!”

Esta expressão de *Grande Sonhador*, de *Sonhador de Grandes Coisas* é repetida também por António Ferro, o grande inspirador “política de espírito” do regime Salazarista, que classifica Duarte Pacheco como “a força criadora da imaginação que **torna viável o inviável**” e continua, acentuando que “sonhar é grande... Rara virtude, alta virtude que só possuem os grandes poetas e os grandes homens de acção.”<sup>8</sup>. Mas uma das principais fontes para a compreensão do modo como o regime encarava as obras de Duarte Pacheco é-nos dada pelo próprio António Ferro nos filmes que promoveu nos anos 30 e 40. Além de dizer que este ministro viveu uma “vida cinematográfica”, o director do SNP encomendou o filme de propaganda mais elucidativo de como o próprio regime era viabilizado pelas grandes obras públicas do momento: *A Revolução de Maio*, de António Lopes Ribeiro, feito em 1937 e que conta a história de um homem do norte que chega a Lisboa para iniciar um golpe de estado e é levado a visitar as maravilhas que o Estado Novo construiu na capital, desde o Instituto Superior Técnico, ao Instituto Nacional de Estatística (cheio de ficheiros que quase pareciam manifestações futuristas), à Alameda, aos Bairros Sociais, até ao sossego quase rural da vida nos bairros antigos, nos pátios que depois também são exaltados em 1941 no *Pátio das Cantigas*, onde vivem pessoas pobres, mas honradas e felizes. Deslumbrado e fascinado com tanta ordem e com um Estado que consegue obras tão boas e úteis à sociedade, o nosso herói, também influenciado pela sua namorada, mocinha simples e trabalhadeira que mora num desses pátios, desiste de lançar a bomba (que era o sinal) no dia combinado e o golpe já não se desencadeia.

Toda esta propaganda oficial do regime às obras de Duarte Pacheco e a construção do mito do “grande sonhador” obedece a objectivos muito claros de propaganda do próprio regime e que obrigam a um esforço de separação entre a imagem que nos é transmitida e a imagem real. Mesmo as histórias que nos chegam oralmente já são bastante adulteradas, como por exemplo a história dos vidros com tamanhos diferentes que o ministro recusou por não servirem nos caixilhos e acabou por comprar a metade do preço, pois o vidraceiro não quis ficar com um prejuízo completo, e que já nos foi contada em 3 versões diferentes por 3 pessoas diferentes!

---

(8) FERRO, António - “O Engenheiro Duarte Pacheco. A sua alma continuará a viver na marcha triunfal da sua obra”, in Revista *Panorama*, s. p.

No entanto, os testemunhos dos arquitectos que mais conviveram com o ministro, apesar de bastante apologéticos também, pois estes profissionais dependeram das suas encomendas e assim fizeram nome e carreira, merecem-nos talvez uma maior atenção pela descrição pormenorizada dos métodos de trabalho. É o caso do Arq. Cottinelli Telmo, que em dois longos textos <sup>9</sup> nos fala das audiências do ministro, das quais se sai “vencido na corrida de velocidade do diálogo travado” e onde todos são recebidos com o já referido sorriso, “preciso para que quem entra se sinta à vontade e esqueça o que esperou”, mas que “não esconde um ar de cansaço nítido. (...) raramente recorre ao bloco de notas: a memória dele é sempre melhor que a dos outros! (...) E embora cansado, exausto,

- Já disse tudo?

a crítica vem, tremenda, tão lúcida como se se tivesse preparado para começar alegremente, com frescura, como sempre, o seu dia de trabalho! E o tempo passa... Disfarçadamente olhamos para o relógio...

- Senhor Ministro: São onze menos vinte... Ainda não jantámos...

- Oh, com a bréca! Porque não disse? E eu tenho ainda que ir à Câmara esta noite! Vá-se embora! Adeus!”

E este arquitecto conta também uma história que ele afirma ser verídica sobre as expropriações que a Câmara fez: “Pensa nas grandes e nas pequenas coisas, no que é oficial e no que é particular, sabendo impor-se tão bem à Câmara de tal, como ao proprietário daquele *casinhoto de mau gosto que lhe estraga a paisagem* (itálico nosso). Para uns, despachos, decretos; para outros ... às vezes um toque amigável nas costas tem o valor de um decreto!

- Senhor Ministro ... dão-me só 60 contos pela expropriação...

- Isso que tem? Você é rico: que falta lhe fazem os 60 ou os 100 que o senhor quere?

E o outro resolve:

- Leve lá o terreno e não se importe com o dinheiro: a gente não encontra outro que faça o que o senhor tem feito!...”

Continua ainda Cottinelli Telmo: “está sempre em toda a parte, acordando os vagarosos, incendiando os activos, lançando o pânico nos atrasados, coroando de louros os colaboradores triunfantes (...) sem a menor preocupação pela fadiga dos outros (...) consultando o relógio, fazendo um aceno de mão simpá-

---

(9) TELMO, Cottinelli - “Um Grande Homem de Acção”, in *Panorama*, s.p.

tico ao pedreiro velhote que lhe tirou o chapéu...” E ainda se julga que as técnicas de relações públicas e o *marketing* são ciências recentes...

É suficientemente claro verificar que este ministro devia ser odiado e temido pela maioria dos profissionais que com ele tinham de lidar: “mas não dispensa o comentário vivo e súbito a propósito de uma coisa que estragaram,

- Uma estupidez!

(...) a expressão é de cólera contida, dentes cerrados, a remoer a praga que lhe apetece dizer e não diz - e tudo acaba com uma explosão sem palavras, um sopro de desdém (...) e o incidente fecha com um lampejo de cólera nos olhos:

- Porcaria!”

Todos tremiam, pelos vistos, em cada visita surpresa que o ministro fazia diariamente às obras que se realizavam por todo o país, acompanhado sempre pelos mais diversos colaboradores. Diz este autor que o ministro tinha uma “côrte de colaboradores onde os artistas constituíam um sector especial, muito da sua estima: acolhimentos de mão apertada e levada ao coração; subtilezas diplomáticas *para não desconsolar, se o rapaz* era susceptível; críticas cerradas e veementes, se encontrava *homem* para quem os seus ataques eram um incentivo e a luz se fazia com a discussão (...) Em geral um Ministro é uma pessoa a quem dificilmente se chega: ele vinha até nós, dando-nos a consolação de ouvirmos directamente da sua boca as apreciações que vêm habitualmente pelos atalhos normais da Burocracia”.

Um destes colaboradores que o acompanhava frequentemente era o Engenheiro Agrónomo, especializado em Silvicultura, Jorge Gomes de Amorim, que com ele morreu no acidente de viação. Segundo as palavras da sua filha Maria Helena Amorim: “Duarte Pacheco, no que respeitava a arranjos paisagísticos, não dispensava a presença do meu pai”<sup>10</sup>. A entrevista com esta senhora revela também que o ministro não tinha ainda perdido por completo a sua veia trocista e bem humorada: sendo amigo pessoal da família e frequentador assíduo da casa, convivia com os filhos do casal Amorim. “Jantava variadíssimas vezes connosco e brincava comigo e com os meus irmãos. Lembro-me de nos dizer, pelo facto de bebermos muito leite, que deveríamos ter uma vaca em casa.” Em 1940, em pleno cortejo histórico no dia 28 de Junho, o ministro mandou o seu motorista buscar estas crianças a casa para irem visitar à mater-

---

(10) Entrevista de Maria Helena Gomes de Amorim, publicada na Revista *Indústria da Construção*, pp. 66 -67.

nidade a irmã que acabara de nascer: “A propósito deste acontecimento, Duarte Pacheco fez a seguinte quadra:

Se fosse eu a baptizar-te,  
não teria hesitações,  
um nome havia de dar-te,  
Maria das Comemorações”<sup>11</sup>.

O Arquitecto Francisco Keil do Amaral também comenta o tipo de vida que levou enquanto trabalhou para o Ministério das Obras Públicas: “Éramos ainda uns rapazes crescidos, com mais irreverência do que experiência; mas para a apreciação ou para a resolução de muitos dos problemas da cidade não deixava de nos chamar, de nos ouvir (...) Amargou-nos a existência - quero eu dizer! Porque nunca mais, enquanto a morte o não ceifou numa estrada do Sul, tivemos um domingo de folga, uma noite calma de cinema ou de teatro, uma tarde de café e cavaco, sem oreceio (bastas vezes confirmado) de nos chamarem para ir trabalhar com ele. Noites inteiras passámo-las em claro, combinando com ele tarefas a realizar ou visitando obras... Tinha uma capacidade de trabalho prodigiosa e impunha-nos o seu horário e o seu ritmo de fazer as coisas. (...) Corriam dezenas de anedotas sobre as artes com que o engenheiro Duarte Pacheco conseguia alcançar a concordância dos seus interlocutores. E um amigo comum - o engenheiro Lopes Raymundo, seu companheiro dilecto da juventude - disse-me uma vez que o não deixava aproximar-se a menos de três metros quando ele o queria convencer de qualquer coisa, porque tinha receio de ser hipnotizado.”<sup>12</sup>

Estas características são salientadas também por José-Augusto França: “Exigente dele próprio e dos seus colaboradores, obcecado pelo trabalho, prepotente, ambicioso de poder, homem de indubitável honestidade”<sup>13</sup> e por Marcelo Caetano: “A todos transmitiu a disciplina do seu trabalho e o seu fogo de acção.”<sup>14</sup>

Refere-se ainda o discurso de Salazar na inauguração do monumento a Duarte Pacheco em Loulé, em 15/11/1953: “a passagem da ideia à acção era

---

(11) *Ibidem*.

(12) AMARAL, Francisco Keil - “Evocação de Duarte Pacheco”, in *Revista Municipal*, 1973, pp. 7 - 8.

(13) FRANÇA, José-Augusto - “Lisboa e a Arquitectura dos anos 30 e 40”, in *Revista Municipal*, 1973, p. 23.

(14) CAETANO, Marcelo, *Minhas Memórias de Salazar*, p. 172. publicação do SNI, 1953.

nele forçosa e parecia-lhe tão natural como ser uma, necessário complemento da outra. (...) Duarte Pacheco não era um político na acepção corrente do termo, mas um homem de governo estreme, como os permite um regime em que a governação tem podido ser quase tudo e a pequena política quase nada. (...) Em dias e noites de trabalho, árduo, esgotante, apesar do prazer espiritual que me dava, debruçados sobre planos (...) o que em cada momento podia surpreender no seu esforço era a preocupação de semear progressos..."<sup>15</sup>. Nota-se que o próprio chefe do governo tinha uma certa dificuldade em acompanhar o ritmo de trabalho do seu ministro e que este respondia inteiramente à vontade de Salazar de não fazer política, mas sim obras, o que constituiu, aliás, uma política de sucesso do seu regime durante vários anos.

## CONCLUSÃO

Uma Biografia é sempre incompleta, mesmo quando é escrita com testemunhos directos e próximos no tempo. Assim, escrita a partir duma obra material visível (ela própria resultado de uma enorme combinação de factores) e de testemunhos indirectos, influenciados por uma clara política de propaganda de um regime autoritário, esta biografia apresenta-se como um dos resultados possíveis duma investigação histórica que se pretende rigorosa. Pelo mesmo motivo, seria um grande atrevimento apresentar conclusões. Podem, contudo, sintetizar-se algumas ideias básicas, resultado duma tentativa de compreensão senão da personalidade em estudo, pelo menos da sua obra e do aproveitamento político que a envolveu.

Duarte Pacheco foi um dos responsáveis pela viabilização do regime que viabilizou a sua obra: num estado democrático e liberal, tamanho projecto urbanístico, com o respectivo processo de expropriações em larga escala, seria, no mínimo, a garantia da perda das eleições seguintes. Toda esta obra descrita só foi possível num regime autoritário e foi um dos factores que viabilizou esse mesmo autoritarismo, uma vez que foi a fachada, a parte visível dum regime que pretendia tornar as pessoas satisfeitas, felizes com a situação, logo calmas, orgulhosas de pertencer a um Estado que realizava tantas e tão boas melhorias à sua vida. Isto impedia ou pelo menos adiava qualquer sentimento de revolta ou qualquer tentativa de alterar a situação. Encontra-se aqui a justificação de 1/4 do Orçamento do Estado ir para o Ministério das Obras

---

(15) Publicação do SNI, 1993.

Públicas e Comunicações em vários anos e de ser permitido a este ministro uma tão profunda reforma legislativa: com carta branca, Duarte Pacheco entregou-se de corpo o alma à realização do sonho que no fundo qualquer político tem de deixar a sua marca bem visível na cidade ou no país que governa. E foi esta política de não fazer política que mais caracterizou o seu ministério e o governo de Salazar ao longo dos vários anos que esteve no poder.

## ANEXO 1 CRONOLOGIA

19/4/1900	Nasce Duarte Pacheco em Loulé
25/12/1903	Baptizado na Igreja de S. Pedro em Faro
1906	Morte da sua mãe, Maria do Carmo Pacheco
2/1/1914	Morte do seu pai, José de Azevedo Pacheco
1917	Termina o 7º ano no Liceu de Faro, com 19 valores.
1917/1918	Matricula-se no 1º ano do Instituto Superior Técnico
1919	Participa na “Escalada de Monsanto”
1923	Termina a Licenciatura em Engenharia Electrotécnica com 19 valores
8/10/1925	Nomeado Professor interino da cadeira de Matemáticas Gerais no IST
14/10/1926	Nomeado Professor Ordinário do IST
10/8/1927	Nomeado Director do IST
19/4/1928	Nomeado Ministro da Instrução Pública do 1º Governo do General José Vicente de Freitas
10/11/1928	Sai do Governo e volta à direcção do IST
5/7/1932	Nomeado Ministro das Obras Públicas e Comunicações do 1º Governo de Salazar
29/6/1933	Agraciado com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo
18/1/1936	Sai do Governo e volta ao seu cargo de Professor e Director do IST
1/1/1938	Assume o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
25/5/1938	Reassume a pasta das Obras Públicas e Comunicações, cargo que acumula com a presidência da CML

1940	Exposição do Mundo Português
9/12/1940	Condecorado com o grau da Grã-Cruz da Ordem de Santiago de Espada
15/2/1941	Grande ciclone em Portugal Continental
9/6/1941	Homenageado pelos Municípios do Continente
15/11/1943	Sofre acidente de viação na Cova do Lagarto, em Vendas Novas, ao voltar de uma obra em Vila Viçosa
16/11/1943	Morre no Hospital de Setúbal
15/11/1953	Inaugurado o Monumento a Duarte Pacheco em Loulé, projecto do Arq. Luís Cristino da Silva e realização do Escultor Anjos Teixeira.
20/5/1993	Condecoração a título póstumo com a Medalha de Honra do Município de Loulé

#### BIBLIOGRAFIA

- Evocar Duarte Pacheco no cinquentenário da sua morte (1943 - 1993)*, Gabinete de Estudos Olisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa. Catálogo da Exposição que decorreu de 25/11/93 a 6 /1/94.
- AAVV - *O Estado Novo. Das origens ao fim da autarcia, 1926 - 1959*, Vol. II, Fragmentos, Lisboa, 1987.
- A Universidade Técnica de Lisboa e os seus Mestres. Notas Biográficas*. Lisboa, 1956.
- A Voz de Loulé*, quinzenário de informação e propaganda regionalista, ano I, nº 24, 16/11/1953.
- A Voz de Loulé*, 15/12/1992.
- ALVES, João Carlos - *in memoriam do Engenheiro Duarte Pacheco*, Boletim da Comissão de Fiscalização de Águas de Lisboa, Ministério das Obras Públicas e Comunicações, número especial, 1943.
- Boletim da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa*, número especial, Ministério da Obras Públicas e Comunicações.
- CAETANO, Marcelo - *Minhas Memórias de Salazar*, 3ª edição, Verbo, Lisboa, 1985.
- FERREIRA, Vítor Matias - "Uma Nova Ordem Urbana para a Capital do Império - a 'modernidade' da urbanização e o 'autoritarismo' do Plano Director de



- Lisboa, 1938 - 1948", in *O Estado Novo. Das origens...*, pp. 359 - 375.
- FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, 3ª edição, Bertrand Editora, Venda Nova, 1991.
- GUERREIRO, Eng. Luís e PIRES, Arq. Luís - *Duarte Pacheco (1900) - 1943*, Câmara Municipal de Loulé, 1993.
- GUERREIRO, Luís - "Duarte Pacheco e a Rua da Corredoura", in *A Voz de Loulé*, 15/12/92.
- Indústria da Construção. Revista Técnica de Construção e Obras Públicas*, nº 127, Março de 1993.
- JANARRA, Pedro - *A política urbanística de habitação social no Estado Novo. O caso do bairro de Alvalade (entre o projecto e o concretizado)*, Mestrado em Sociologia, ISCTE, Lisboa, 1994.
- MARQUES, A. H. Oliveira - *História de Portugal*, vol. III, Palas Editores, Lisboa, 1981.
- MARQUES, Eng. Paulo de Serpa Pinto - "A estrada marginal e a auto-estrada. Elementos fundamentais da rede da Costa do Sol.", in *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Ano LIII, Julho 1941, pp. 335 - 356.
- MOURA, Carlos - "A Arte em Portugal", in SARAIVA, António José - *História de Portugal*, vol. 6 Publicações Alfa, Lisboa, 1983, pp. 303 - 334.
- Panorama. Revista portuguesa de arte e turismo*, nº 20, ano 3º, 1944.
- PEREIRA, Nuno Teotónio (com a colaboração de José Manuel Fernandes) - "A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959" in *O estado Novo. Das origens...*, pp. 323 - 357.
- PINOL, Jean-Luc - *Les mobilités de la grande ville*, Lyon, 1991.
- Regulamento do Instituto Superior Técnico*, Decreto-Lei nº 7 727 de 6/10/1921, Ministério do Comércio e Comunicações, Instituto Superior Técnico, Lisboa, Imprensa Nacional, 1921.
- REIS, António - "A Primeira República", in SARAIVA, António José - *História de Portugal*, vol. 6, Publicações Alfa, Lisboa, 1983, pp. 117 - 133.
- Revista Internacional*, "Duarte Pacheco in Memoriam", nº 23, 1951.
- Revista Municipal*, Câmara Municipal de Lisboa, nº 6, 1º trimestre de 1940.
- Idem*, número especial, Janeiro de 1944.
- Revista Municipal, Publicação Cultural da Câmara Municipal de Lisboa*, ano XXXV, números 138-139, 1973.
- Revista da Ordem dos Engenheiros*, nº 6, Novembro - Dezembro de 1943.

*Técnica*, Revista de Engenharia da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, vols. I e II.

SERPA, Eduardo - “Pacheco (Duarte)”, a partir de nota biográfica publicada em 17/11/1943 no *Diário da Manhã*, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 14º, Editorial Verbo, Lisboa, 1973.

SILVA, Carlos Nunes - “A ‘urbanística’ do Estado Novo (1926 - 1959): nem nacional nem fascista” in *O Estado Novo. Das origens...*, pp. 377 - 386.

### Fontes Orais

Entrevista com a Sra. Dra. Maria Fernanda Pacheco Mealha, sobrinha e afilhada do Eng. Duarte Pacheco.

Entrevista com o Sr. Eng. Luís Guerreiro, Adjunto do Presidente da Câmara Municipal de Loulé, organizador de uma exposição comemorativa do Eng. Duarte Pacheco e da Inauguração da Casa de Duarte Pacheco, em Loulé, 1994. Foi nesta casa que morou a família e nasceu Duarte Pacheco; actualmente é um edifício da Câmara onde funciona a Assembleia Municipal e a Casa da Cultura de Loulé.

Entrevista com a Sra. Eng. Teresa Pêra, Centro de Congressos de Engenharia Civil, Instituto Superior Técnico.

### Fontes Diversas

Certidões de Baptismo de Duarte José Pacheco e de Humberto Pacheco.

Carta de 15/10/1926, em papel selado, ao Administrador do 3º Bairro de Lisboa atestando que Duarte Pacheco respeitava as instituições republicanas e a Constituição da República Portuguesa.

Carta de Fernando Silva publicada no Jornal Expresso de 10/3/1984, sob o título “A figura controversa de Duarte Pacheco”.

Discurso do Prof. Doutor Oliveira Salazar na inauguração do monumento a Duarte Pacheco em Loulé em 15/11/1953, SNI, Lisboa, 1953.

Discurso do Sr. Eng. Vicente Ferreira, presidente do Conselho Superior de Obras Públicas, no dia 20/12/1943, publicado na separata da Revista *Portugal d’Aquém e d’Além Mar*, nº 27, ano VII, Março de 1944.

### Bibliografia escrita pelo Eng.º Duarte Pacheco

*Lições de Matemáticas Gerais*

Estudos vários, discursos e relatórios